Discurso de Posse (*)

Paulo Elpídio de Menezes Neto

Apresento-me nesta Casa com o propósito reverente de um recém-chegado, tomado do consolo de quem pacientou no recolhimento de acalentadas intenções e vê, finalmente realizado, um ambicioso projeto intelectual da juventude.

A acolhida generosa da Companhia Ilustre, fazendo-me, em um gesto largo de benevolência e estima, um dos seus, desperta entre as emoções do recipiendário de hoje sentimentos íntimos de espontânea efusão, que a modéstia e o recato, virtudes para sempre lembradas, não conseguem dissimular. A consciência clara do compromisso que sou levado a assumir, as responsabilidades que deverei partilhar, pela fidelidade devida ao exemplo de trabalho fecundo e persistente dos que edificaram a legenda que se confunde com a caminhada centenária do Instituto do Ceará, impõem-me o grato dever de associar-me ao esforço e à dedicação dos que fizeram do estudo continuado e perseverante, da investigação disciplinada e paciente, a regra em um convívio enriquecedor. Neste meio, a amizade sedimentou e fortaleceu, com o passar do tempo, as cumplicidades da inteligência.

Criado em meio aos livros, na convivência de doces afinidades intelectuais, no calor de uma família liberada de discriminações e preconceitos, mas submissa aos ideais de liberdade, animada pelo amor da controvérsia e da ilustração, no respeito pelos valores da justiça e da verdade, aprendi, muito cedo, que as descobertas e as revelações da inteligência, as aptidões legadas pelo Saber, resultam tanto do talento que habita a alma dos eleitos e dos ungidos com o sopro da Percepção, quanto do empenho diligente que faz do Conhecimento um processo contínuo de acumulação e de renovação de experiências espirituais. O trabalho intelectual, no qual se distinguiu o **homo sapiens sapiens** no longo aprendizado da evolução, fundamenta-se na repetição ordenada de exercícios rotineiros, confunde-se com a transpiração do corpo na faina cotidiana da sobrevivência. A fagulha do gênio propaga-se pelo rastro deixado pelo obreiro aplicado, pelo artesão que recomeça, a cada novo dia, a sua tarefa regular, como se não houvera interrompido na véspera.

É assim que o artista constrói a sua obra, dos pequenos e pobres retalhos que se vão unindo e desenhando uma nova forma, tal qual o escultor cuja criatividade consiste, como a via Miguel Ângelo, na habilidade engenhosa de re-

---

(*) Pronunciado em sessão solene realizada no dia 20/11/1990.

tirar da pedra bruta, a golpes precisos de cinzel, os volumes informes, dentro dos quais se confundem os contornos dissimulados. O poeta elabora com as suas imagens, metáforas, fábulas e figuras, a tessitura, delicada ou veemente, terna ou combativa, da emoção, dessa paixão perdida que, para Jorge Luis Borges "é uma forma de felicidade, talvez a melhor"[1]. O historiador, servo fiel de Clio, investigador obsessivo do passado, interrogador exigente dominado pela volúpia de "aprender coisas singulares", é o expectador atento de Marc Bloch, seduzido pelo grandioso "espetáculo das atividades humanas", as quais, mais que outras quaisquer, assim como a História, têm o condão de prender a imaginação dos homens[2]. A obsessão da descoberta, a identificação das fontes, como a interpretação das causas, a revelação das "atitudes mentais" dominantes em uma época, a eleição dos temas de estudo, a preocupação com a legitimidade do papel da pesquisa histórica, a dimensão do imediato, os silêncios significativos, a questão do método, enfim, constituem perspectivas particulares mas não autônomas, que se interrelacionam e se interpenetram na tarefa árdua da observação e da crítica a que se entrega o especialista da História. Como trabalhador intelectual que faz do documento, das fontes abundantes e dispersas o objeto da sua investigação, a matéria-prima na qual se nutre de certezas, convicções e dúvidas, o historiador tem no seu ofício meticuloso o desafio permanente do imponderável, do improvável, da limitação das informações requeridas, da parcialidade que impõe cautela e da autenticidade vigiada. Desafios gigantescos que reclamam disciplina estrita e perseverante, um rasgo de consciência, a exemplo de Sísifo, transformado em herói, tornando, assim, o mito trágico. Como na vida, entre os efêmeros, o herói esforça-se por erguer a enorme pedra e levá-la ao cume da montanha; e ao vê-la rolar, resvalando para a planície, recobra o ânimo e torna a empurrá-la encosta acima, para o cimo escarpado, recomeçando cem vezes o mesmo percurso, o ombro nu sustentando o pesado volume . "No termo desse longo esforço, revela Albert Camus, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a finalidade será atingida"[3].

Marc Bloch, um dos fundadores dos "Anais da História Econômica e Social", ao lado de Lucien Fevbre, em torno de quem viria formar-se um dos grupos mais brilhantes da historiografia francesa, evoca na introdução de um texto que se tornou clássico para os analistas da história – "Apologie pour l'Histoire" – um episódio singular. Uma criança indaga de seu pai, historiador: – "Papai, explique-me para que serve a História". Longe de parecer-lhe ingênua, a pergunta encerrava para Bloch uma questão essencial, "nada menos do que da legitimidade da História"[4].

Não tenho a pretensão de sugerir uma resposta, tampouco as circunstâncias justificariam tamanha veleidade de incursionar por paragens tão remotas quanto incertas. Deixemos essa província controvertida da Filosofia da História. Retenhamos, entretanto, a proposição como um marco referencial em torno do qual se desenvolve e se organiza a tarefa do historiador – das fontes primeiras, dos registros e testemunhos, da recomposição da vida cotidiana, das sagas, das tradições, dos mitos e das crenças à sua destinação final, ao públi-

Desembargador Carlos Livino de Carvalho, ao professor Manuel Lima Soares, historiador, geógrafo e jornalista, cuja breve passagem por esta Casa deixou, bem vivas, a lembrança fraterna do amigo e a admiração pelo talento brilhante. Recebido a 20 de fevereiro de 1981, quando lhe foi dado posse como sócio efetivo do Instituto do Ceará, Manuel Lima Soares iniciaria uma convivência cordial e frutuosa com os seus pares ilustres, assinalada pela contribuição estimulante de um espírito inquieto e criativo, que o prematuro desaparecimento iria interromper em 6 de maio deste ano.

Conheci Manuel Lima Soares e dele fiz-me amigo, desfrutando por uma alongada quadra, nos verdes anos da nossa juventude, da companhia de uma personalidade viva, dotada de marcante brilho intelectual, a par de atributos que lhe eram inerentes e o tornavam o centro natural e espontâneo das atenções e da admiração em todos os círculos que freqüentava. De temperamento aberto, irreverente, tocado por um senso de humor refinado, o **Néo**, como o conhecemos, fazia do riso um instrumento de aproximação, congraçamento e efusão; em momentos raros, poucos freqüentes, que não era da sua índole cordial, cedia aos ímpetos passageiros e recorria à ironia com a elegância do esgrimista. Dominava a palavra com precisão, era "causeur" requestrado, de narrativa graciosa, entrecortada de repentes, senhor de um repertório infindável de fatos, episódios vividos e testemunhados e estórias divertidas, compartilhados alegremente com os amigos e os indefectíveis circunstantes.

O lado jovial e prazenteiro não empanava a circunspecção do Mestre respeitado, do líder estudantil que despontou no Liceu do Ceará e afirmou-se nos bancos da Faculdade de Direito, de onde partiria para a disputa em memoráveis campanhas estudantis da direção de entidades de classe, dentre as quais o Centro Estudantal Cearense, do qual foi presidente. Passou pelo Centro Liceal de Educação e Cultura, integrou a Academia Centrista de Letras e o Centro Literário Humberto de Campos, deixando em todos eles o traço indelével da sua presença, como dirigente e organizador e, sobretudo, como orador, graças aos naturais dons e recursos de expressão de que foi sempre muito bem dotado.

Abraçou o magistério, armado do seu canudo de bacharel em Direito, com uma licença em Geografia e História, grau acadêmico que iria realizar a sua vocação para a docência, na enriquecedora convivência com os jovens. Doutorou-se em Direito, conquistando o primeiro lugar da sua turma. Nem assim viria a tornar-se jurista ou advogado. Fez-se geógrafo e historiador, especialidades nas quais se tornaria Mestre diligente e reputado, pelas qualidades didáticas e pedagógicas e pelo domínio do conteúdo das disciplinas eleitas para o seu magistério. Foi professor do Liceu e chegou à Universidade, a duas delas, amparado por sua competência e por uma renovada capacidade de luta, esteio e fortaleza de toda a sua decidida caminhada entre nós.

Foi jornalista, com Jáder de Carvalho, ao lado de uma plêiade de brilhantes vocações que desabrochariam com exuberância, marcando época na imprensa do Ceará. Articulista preciso, seguro e isento, versátil no exercício da linguagem, leve e elegante no estilo, instigante na interpretação dos fatos do co-

tidiano, deixou o jornalismo pelo magistério, onde demonstrou, no desempenho da docência e da pesquisa acadêmica, as qualidades notórias do Mestre e do intelectual vocacionado, que ele sempre foi, a vida inteira.

Publicou numerosos trabalhos, ensaios, conferências e discursos. Dentre tantos, tantas vezes citados na bibliografia pertinente, vale destacar: "A População no Tempo e no Espaço", ensaio sociológico e demográfico, tese de livre-docência apresentada à Universidade Federal do Ceará; "A História, a Sociologia e a Idéia de Progresso", "Sociedade, Sociologia e Teoria Sociológica", "Desagregação e persistência da família tradicional brasileira", "Spengler e Clóvis Beviláqua", "Didática da Geografia", "Mestres Cearenses de Geografia e História", "O papel da Maçonaria na Independência do Brasil", "O povo maçônico na Proclamação da República", "O Itinerário do Rito escossês antigo e aceito", "A Maçonaria na obra de Alan Kardec" e "Vida Maçônica do Duque de Caxias".

Estudioso da história da Maçonaria, impelido pela condição de maçon que o levou às mais altas instâncias da hierarquia, em sua Loja, à qual serviu com devotamento e entusiasmo, Manuel Lima Soares fez desse tema o foco de interesse de abordagens freqüentes. Mortificava-o a discriminação contra a Maçonaria por via da supressão sistemática e abusiva, nos livros didáticos, das referências ao papel desempenhado por ela em momentos decisivos da vida política brasileira. Revoltava-o, no seu liberalismo consciente de quem absorvera na juventude as lições dos iluministas e de toda a expressão da crítica social dos escritores do Século XIX, a vigilância atenta de uma forma de inquisição intelectual da qual por fim nos livramos, criaturas racionais que chegamos finalmente a ser. "Um dia, escreve, Manuel Lima Soares, a revisão da nossa História mostrará livremente aos escolares que a Maçonaria brasileira esteve presente na Inconfidência Mineira, atuante na Revolução Pernambucana de 1817, firme no episódio do Fico, insubstituível na eclosão da Independência, varonil na Confederação do Equador, diligente na Rebelião Farroupilha, inquebrantável na Questão Religiosa, eficassíssima na jornada da Abolição da Escravatura e providencial na Proclamação da República"[9].

Pertenceu Manuel Lima Soares a numerosas sociedades profissionais e entidades associativas outras. Integrou a Diretoria, em mandatos sucessivos, da Associação dos Professores de Ensino Superior do Ceará, foi sócio da Sociedade Cearense de Geografia e História e da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra; fez parte da Ordem dos Advogados do Ceará, do Rotary Clube e da Grande Loja Maçônica do Ceará.

Pai e marido extremoso, amigo exemplar, leal e solidário, praticou com sinceridade e crença inabaláveis os deveres de maçon. Levou vida limpa e deixou um belo exemplo de dedicação ao trabalho, de integridade e correção, patrimônio insubstituível da sua família e de todos os numerosos e dedicados amigos.

Rendo-lhe as minhas homenagens e o preito de uma velha amizade.

Senhores,

A eficácia deste ritual de posse traduz-se na troca de sinais convencionados, na exteriorização simbólica do respeito pelos valores consagrados, re-

presentações que ganham forma e conteúdo na fala do novo sócio e na oração que, em nome da respeitável Sociedade lhe é dirigida.

Das palavras de Eduardo de Castro Bezerra Neto, a quem estou ligado e a minha família por laços antigos e fraternos de amizade e estima, guardo o tom benévolo, a cumplicidade amiga, a afeição suspeita que enxerga qualidades e virtudes, com os bons olhos de quem não julga, antes exalta e absolve. Sou-lhe grato pelo gesto elegante no qual identifico, antes de tudo, a bondade do homem cordial e afetivo, de par com a alegria espontânea que a circunstância lhe infunde.

Sinto-me como um dos vossos. Não sou estranho a esta Casa. Por obras, intenções e gestos, fizestes de mim Sócio Benemérito, galardão que muito me desvanece. A distinção assinala e reconhece com justiça, devo dizê-lo, um pendor cultivado com desvelo, a cujo apelo nunca faltei, associando-me, com ânimo redobrado, a cada nova convocação, aos empreendimentos da Cultura em nosso meio e pondo-me ao seu serviço. No magistério, na pesquisa acadêmica, no convívio dos homens de estudo, conservei, sempre, a atitude disciplinada de quem busca honestamente dilatar as fronteiras do seu conhecimento limitado, e persistir no lento porém gratificante aprendizado das coisas e do pensamento. Desviado muitas vezes do compromisso docente, no cumprimento de atribuições administrativas, na vida pública e no exercício de cargos e mandatos representativos em organizações e associações especializadas, impus-me uma rotina de trabalho intelectual, à qual procurei ser fiel, como antídoto dos efeitos paralisantes da função pública. Muitos dos artigos e ensaios divulgados, saídos dessas atribulações inibidoras, confirmam a sabedoria de uma advertência de Borges, que tenho seguido sempre que posso. Para Borges todo escrito deve ser publicado sem demora, única maneira de evitar-se que continue sendo corrigido e refeito indefinidamente.

Devo muito à generosidade dos amigos, às pessoas queridas, à grande família afetiva que transcende os vínculos da consangüinidade. Considero-me um homem feliz e bem sucedido pelo que pude construir, pelo saldo de um trabalho persistente cujos resultados podem ser julgados, pelo imenso patrimônio de ternas e sinceras lealdades que pude reunir, pela família na qual nasci e fiz-me adulto, pela mulher adorável que faz parecer mais leves os primeiros desconsolos da idade madura e por uma filha, herdeira de um imenso legado de afeto e amor. E até pelos poucos inimigos que o destino me reservou, perseverantes que sejam na desafeição dos seus amargos ressentimentos, vagos, injustos e, quase sempre, equivocados. Desses a lembrança não me turva o espírito, sequer nos momentos de íntimo recolhimento; quisera poder aliviá-los da avareza por que consomem os seus bons sentimentos.

Como exemplo de dignidade, de trabalho e de fidelidade à obra monumental que edificou e à qual continua a servir com humilde desprendimento e devotado empenho, menciono Antônio Martins Filho, presidente de honra e decano desta Casa. Muito deve o Ceará e o seu povo a esse artífice engenhoso. Suas mãos, como as de Midas, têm o poder mágico da transformação: foi assim por onde passou, semeando, colhendo, apascentando, regenerando, agluti-

nando, servindo o exemplo do seu otimismo, da sua crença nas pessoas, renovando-se, vencidos os momentos amargos da provação, com o calor da juventude dos seus 85 anos.

Louvo minha mãe pelo exemplo que soube dar aos filhos.

Volto meu pensamento para Joaryvar Macedo, em quem descobri uma infinita capacidade para forjar amizades sólidas e servir-lhes a prova de uma cativante lealdade.

Evoco, por fim, os heróis da minha infância e da despreocupada adolescência – meu pai e meu avô, de quem trago o nome, exemplos de dignidade, de coragem e de retidão de caráter; reverencio-os com uma imensa saudade.

NOTAS

(1) – Jorge Luis Borges – Entrevista concedida ao jornal "La Razón", Madrid, 9/6/1985.
(2) – Marc Bloch – "Apologie pour l'Histoire", Armand Colin, Paris, 1974, pág. 22.
(3) – Albert Camus – "O Mito de Sísifo", Livros do Brasil, Lisboa, s/d, pág. 114.
(4) – Marc Bloch – ob. cit., pág. 19.
(5) – Marc Bloch – ob. cit., pág. 8.
(6) – Norbert Élias – "O Processo Civilizacional", Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1989, pág. 35.
(7) – Jorge Luis Borges – Entrevista ao jornal "El Dia", La Plata, 22/6/1986.
(8) – Claude Lévi-Strauss – "Minhas Palavras", Brasiliense, São Paulo, 1986, pág. 9.
(9) – Manuel Lima Soares – "A Vida Maçônica do Duque de Caxias", in "Revista da Sociedade Cearense da Geografia e História", Vol. IX, Fortaleza, 1982, pág. 103.